

## **EU, PROMETEU**

Sim, fui eu! Assumo esse pecado sem arrependimento, o remorso não me pertence, não me atormentam as culpas que carrego. Fui eu, declaro-me! Porém, não procuro perdão com esta confissão, não há no meu peito qualquer contrição que o impeça de bater. Fui eu e fá-lo-ia novamente, é tanta a minha convicção que a minha ação não embaraça os princípios da ética, sei que estou do lado certo da história e caminho lado a lado com essa fé que é cada vez mais uma certeza perene, permanente, imortal. Recordo esse dia. Lembro-me quando tive nas minhas mãos fechadas a tocha que ardia intensamente com o fogo que roubei, as labaredas flagravam sem me queimar. Segurei esse facho apenas por breves instantes, não queria que esse fogo ardesse só para mim, ofereci-o a quem vive. Nesse momento, todo o meu espírito se fez luz, iluminou o meu mundo inteiro, o meu limitado e finito mundo, todo o homem que sempre quis ser. O sol apoderou-se da minha alma, ardia dentro de mim esse fogo incessante que já não tinha e soube, como o souberam Adão e Eva após comer o fruto proibido, que estava nu.

Não havia roupa que pudesse cobrir a minha nudez e ainda bem; não havia vestimentas que me pudessem cegar novamente e ainda bem. Pude ver, finalmente, o mundo com os meus próprios olhos, sentir o vento, comer uma laranja, cravar um espinho de rosa no meu dedo que fez sangue e doeu. Pude ser homem e deus, esse fogo permitiu que assim fosse, que caminhasse no limbo do sagrado e do profano enquanto mantivesse essa chama acesa, enquanto esse fogo ardesse dentro de mim. Como deus seria imortal, ocuparia o meu lugar devido no Olimpo entre as demais deidades, a mitologia venceria a escatologia, a suprema vitória da vida sobre a morte; a minha criação viverá! Mas como homem seria mortal, estaria condenado a viver e a morrer como todos outros, ocupar o meu lugar no mundo e perecer diante dele; criando, sentenciei-me ao desaparecimento definitivo!

Eu sei que o fogo apagar-se-á. Com a minha morte, esse fogo que arde e ilumina e aquece extinguir-se-á, tornar-se-á vazio, será o nada que dizemos não existir. Entraremos novamente num mundo de trevas que nos fará esquecer a própria essência de ser. Mas há uma solução e eu sei-a, há uma solução e eu cumpro-a; a chave está nos filhos que tiver. Procuro então descendência, alguém a quem deixar esse fogo para que não se apague, um desejo sincero que as labaredas se alastrem pelo mundo. Mas a

descendência não tem que ser de sangue, o mais débil dos laços afetivos, o mais forte é o mérito, a vontade, a presença, o amor. Procuo apenas a virtude, procuro na minha descendência já viva o mesmo amor pelo pecado benéfico e sensato que eu tive, alguém que, como eu, tivesse roubado esse fogo e oferecido a quem vive na escuridão. Procuo alguém digno que continuar o meu legado.

E para minha tão grande surpresa descobri que não estava sozinho, que o meu pecado, se necessário, seria replicado por muitos, por todos aqueles que amam tanto o conhecimento como eu. Filósofos, pensadores, escritores, professores, todos aqueles que gostam de aprender e ensinar, a partilha do conhecimento no seu expoente ilimitado que tende para o infinito e é insaciável e perpétuo; sei que também eles roubariam esse fogo, doariam essas labaredas a quem se encontrasse no escuro, ergueriam das trevas os espíritos que nelas estavam imersos e lutavam para escapar do negrume da ignorância. Fariam de mim um verdadeiro homem, um homem capaz de sentir orgulho e alegria, fariam bater no meu espírito os ventos do desafio e da ventura, do repto iniciado e concluído; converter-me-iam também num deus, um deus que sabe que deu tudo o que pôde dar à humanidade, que roubou aquilo que lhe disseram que aqueles seres que ele amava não poderiam ter, que lhes deu tudo quanto necessitavam e mereciam para que a vida encontrasse um sentido e se tornasse numa existência plena de significado.

Essa é a essência da vida. Encontrar significado nas coisas que aprendemos, reconhecer no rosto do outro o nosso próprio rosto, compreender as nossas capacidades e limitações, viver a vida e o amor e a fé como se nós mesmos fôssemos a vida e o amor e a fé. Porque o somos verdadeiramente! Em nós cabem mundos inteiros, universos ilimitados e repletos de tanto quanto conseguimos pensar e imaginar. Assim é e eu o sei, sei-o porque, eu, Prometeu, homem como vós, deus grego como Zeus, separei-me das imperfeições divinas e aproximei-me das honras humanas, viver como homem, morrer como homem, ainda que seja lentamente, primeiro morre o espírito, depois o corpo, por último a esperança. Sei-o porque me tornei homem, fi-lo por amor à humanidade, doando-me inteiramente à virtude de dar um nome ao sonho; fi-lo porque partilhei com todos esse fogo que arde e arde e, porque deixei descendência, nunca se extingue. Eu, Prometeu, ladrão das labaredas inapagáveis com que iluminei os rostos desalentados do povo, condenado por esse pecado de que não me arrependo, castigado a viver também como deus a eternidade amarrado a uma rocha, morrendo e ressuscitando num sofrimento que não conhece limites. Eu, Prometeu, por minha vontade, deixaria de ser

deus e seria apenas um homem como vós porque já nada nos distingue. Os nossos olhos veem no rosto do outro o mesmo desalento, reconhecem a mesma esperança.

Não me arrependo desse gesto, esse fogo é muito mais que calor e luz, representa a sabedoria e o conhecimento, simbolismo que dá ainda mais valor à minha ação e à necessidade de reproduzir e propagar esse ato. E com a ajuda dos meus descendentes os deuses deixarão de existir, o sagrado e o profano passarão a ser um só conceito, a humanidade, onde os homens serão os deuses dos homens, porque os homens os criam, os homens os sustentam, os homens os ensinam a ser homens. O saber deixará de ser uma mercancia, a sofisticada perecerá perante a justiça e a liberdade de aprender, a simples virtude de existir.

Tudo isto é uma profecia. É impossível saber verdadeiramente o que nos guarda o tempo nos escaninhos ocultos do futuro. Posso errar, seguramente errarei em muitos dos prenúncios que vos deixo. Condenado para a eternidade, nada mais poderei fazer, aceito o meu castigo porque sou culpado do crime de que me acusam. Eu, Prometeu, confesso novamente a minha ação sem remorsos, a minha culpa sem arrependimentos. Deixo o futuro nas mãos dos meus descendentes, entreguei-lhe as sementes da virtude que, se forem plantadas, cuidadas e colhidas na hora certa, darão fruto saboroso e abundante para todos. Creio que será assim. Eu, Prometeu, sonho com essa esperança.